

A ESPERANÇA DA GLÓRIA

REFLEXÕES SOBRE AS ÚLTIMAS
PALAVRAS DE JESUS NA CRUZ

Jon Meacham



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2021

SUMÁRIO

PRÓLOGO

3

A PRIMEIRA FRASE

“Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo!”

33

A SEGUNDA FRASE

*“Com toda a certeza te garanto:
Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso!”*

47

A TERCEIRA FRASE

“Mulher, eis aí teu filho!” “Eis aí a tua mãe!”

55

A QUARTA FRASE

“Meu Deus, Meu Deus! Por que me abandonaste?”

63

A QUINTA FRASE

“Tenho sede!”

73

A SEXTA FRASE

“Está consumado!”

83

A SÉTIMA FRASE

“Pai! Em tuas mãos entrego o meu espírito.”

93

EPÍLOGO

99

NOTAS

109

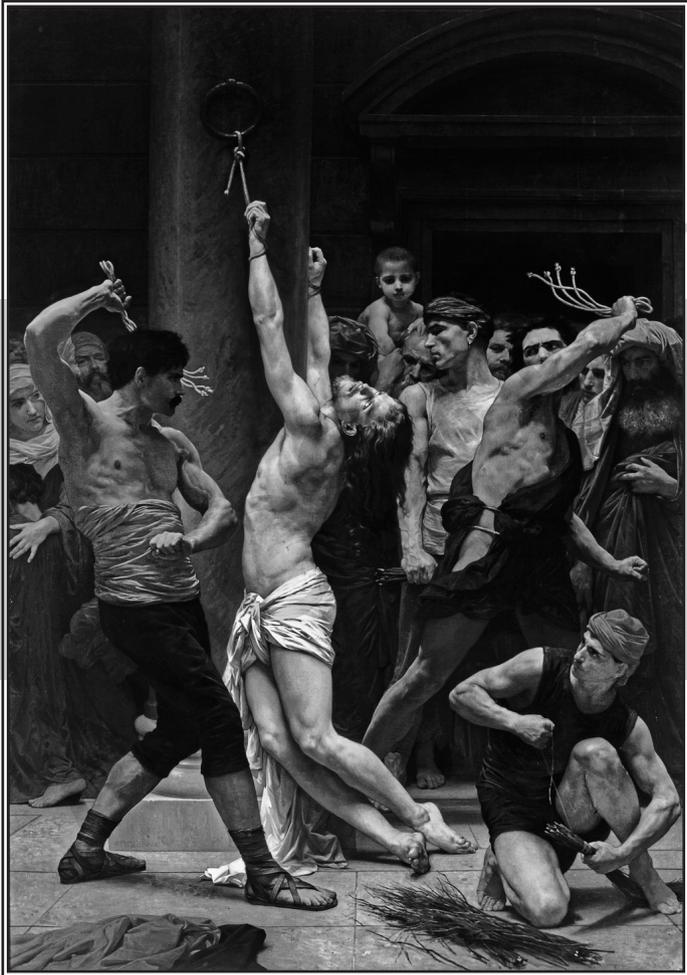
REFERÊNCIAS

117

ILUSTRAÇÕES

123

AMOSTRA



A PRIMEIRA FRASE

E eram levados com Ele dois outros homens, ambos criminosos, a fim de serem executados. Quando chegaram a um lugar conhecido como Caveira, ali o crucificaram com os criminosos, um à direita e o outro à sua esquerda. Apesar de tudo, Jesus dizia,

Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo!

A seguir, dividiram entre si as vestes de Jesus, tirando sortes. Uma grande multidão estava presente e a tudo observava, enquanto as autoridades o ridicularizavam, exclamando: “Salvou os outros! Pois agora salve-se a si mesmo, se é de fato o Cristo de Deus, o Escolhido!” Da mesma forma os soldados se aproximaram e também dele zombavam. Oferecendo a Ele vinagre. E o provocavam: “Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!” Também havia sido afixada uma inscrição acima dele, onde se lia: Este É o Rei dos Judeus.

A PRIMEIRA OBSERVAÇÃO DE JESUS DA CRUZ é encontrada exclusivamente em Lucas: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo!”¹ É justo que a primeira frase seja tão problemática quanto essa, pois o drama da cruz em si é misterioso.

Vamos recapitular o que sabemos sobre o caminho para o Calvário. Nascido de Maria, uma jovem mulher, Jesus pregou a vinda do Reino de Deus, um reino que derrubaria os poderes dominantes no mundo e traria o reconhecimento universal do Deus de Israel. “Arrependei-vos”, disse ele, “porque o Reino dos céus está próximo.”² Em Marcos, provavelmente o evangelho mais antigo, Jesus havia predito o caos vindouro e depois a ordem:

Assim que ouvirem notícias sobre guerras e rumores de guerras, não vos assusteis; é necessário que assim ocorra, contudo, ainda não é o fim.

Porquanto nação se levantará contra nação, e reino contra reino. Sucederão terremotos em vários lugares

e muita fome por toda parte. Esses acontecimentos são o início das dores...

Naqueles dias, depois do referido período de tribulação, “o sol escurecerá e a lua não dará a sua luz;

As estrelas cairão do céu e os poderes celestes serão abalados”.

Então o Filho do homem será visto chegando nas nuvens...

Ele enviará os seus anjos e reunirá os seus eleitos dos quatro ventos, das extremidades da terra até os confins do céu...

Com toda a certeza vos afirmo que não passará esta geração até que todos esses fatos ocorram.³

Em seu sacerdócio público, Jesus atraiu seguidores devotos. Realizando atos milagrosos, ele parecia capaz de curar os doentes, exorcizar demônios e até ressuscitar os mortos. Os relatos de sua entrada triunfal em Jerusalém na semana anterior à sua última *Pessach* sugerem que ele foi recebido com entusiasmo pelos peregrinos judeus na cidade santa — e por isso foi visto como uma força destabilizadora pelas autoridades governantes de Jerusalém. (Jesus foi executado na esteira de uma atividade antirromana, sangrenta o bastante para ter resultado na condenação de, pelo menos, outros três homens, incluindo Barrabás, a quem os evangelhos nos dizem que seria executado pelo seu papel naquele episódio violento.⁴) Era, então, um período de tumulto e incertezas, e,

historicamente falando, a crucificação foi provavelmente o resultado de multidões em êxtase que esperavam que Jesus trouxesse o reino à terra *imediatamente*.

Se Jesus fosse realmente uma ameaça revolucionária⁵ no sentido tradicional de liderar ou inspirar uma revolta armada, ele provavelmente não teria sido a única figura do seu círculo a morrer. Seus seguidores foram deixados em paz após a crucificação e estavam livres, na maior parte do tempo, para se estabelecerem em Jerusalém, enquanto trabalhavam em uma nova compreensão do significado da morte de Jesus na cruz e de seu túmulo vazio. Questões complexas e grandes temas — de fato, os maiores que qualquer pessoa possa imaginar. E por que não? A iniciativa cristã, derivada de suas raízes no judaísmo, trata de uma cosmologia que tenta explicar os aparentes triunfos do mal e afirma a convicção de que a justiça e a bondade prevalecerão. É *óbvio* que é complicado.

As Sete Últimas Frases foram coletadas dos diferentes relatos do evangelho como um exercício devocional, e a igreja há muito tempo decidiu iniciar os trabalhos da Sexta-feira Santa com as palavras de absolvição de Jesus. No entanto, creio que entendemos de modo errado a declaração de perdão de Jesus se a lermos — como fazem muitos pregadores — como uma afirmação da grandeza da misericórdia de Deus. Veja, sermão após sermão afirmou, observe a incrível graça de Jesus; mesmo na mais aguda das dores e na mais extraordinária das agonias, o

Filho do homem abraça todos os pecadores, estendendo a salvação aos torturadores que O estão assassinando.

É verdade que o tema do perdão é um elemento forte no Evangelho de Lucas e além. (Dante se referia a Lucas como “o escriba da mansidão de Cristo”.⁶) É Lucas quem relembra os ensinamentos de Jesus: “Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; abençoai aos que vos amaldiçoam, orai pelos que vos acusam falsamente.”⁷ Mais tarde, em Atos, Lucas escreve sobre uma oração semelhante feita por São Estevão, para que o Senhor perdoe aqueles que o perseguem.⁸ Outra fonte antiga afirma que Tiago, o irmão do Senhor, orou: “Senhor, Deus, Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo”⁹, enquanto um grupo rival o apedrejava.

É tentador, então, interpretar as próprias palavras de perdão de Jesus vindas da cruz como uma personificação de sua missão de misericórdia pelo mundo. Mas é aqui que mora o problema: se o plano de Deus exigia a morte e a ressurreição de seu Filho, por que os agentes desse plano precisariam de absolvição? Ensinaram-nos que Jesus precisou morrer para a salvação de muitos. Sem seu sofrimento, morte e ressurreição, então não haveria salvação, nem novo céu e nova terra. Em nenhum lugar do Novo Testamento alguém argumenta que Jesus poderia realizar o trabalho de redenção vivendo uma vida natural e morrendo gentilmente enquanto dormia, após muitos anos. Não, a história é o oposto: Jesus deveria se submeter obedientemente à vontade do Pai, que

decretou que seu Filho morreria violentamente, para que todos um dia pudessem ter seus pecados perdoados e alcançassem a vida eterna.

Bem aqui, tantos séculos distantes dos eventos lembrados na Semana Santa, sejamos claros: a morte de Jesus é essencial para a esperança cristã. Então, por que Lucas faz com que Jesus agisse como se perdoasse seus perseguidores por terem desempenhado o papel crítico e necessário para promover a salvação do mundo e a vinda de um reino de justiça?

A resposta pode estar no cuidado e na preocupação do evangelista. Vamos nos imaginar no contexto das décadas após a Paixão de Jesus. Nossos evangelhos foram compostos quarenta a setenta anos após a morte de Jesus. Cada um foi escrito tendo um certo público ou comunidades específicas em mente. Alguns temas são exaltados, outros, subestimados, dependendo de quem o evangelista tenta alcançar e convencer. Por esse ângulo, a inclusão de Lucas da frase “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo” é uma marca retórica genial. Qualquer gentio que ouvisse a história em um mundo dominado pelos romanos poderia se sentir desculpado, pois as autoridades imperiais estavam sendo desculpadas, permitindo que o público gentio deixasse de lado seu receio quanto à sua cumplicidade no assassinato. Qualquer judeu que ouvisse a história também poderia se sentir desculpado; os membros do Templo haviam fei-

to o que haviam feito, mas ali estava o próprio Jesus, na interpretação de Lucas, perdoando a todos.

É ilógico considerar os romanos ou os membros do Templo como “culpados” pela morte de um Salvador cujo sofrimento foi predestinado e cuja missão inaugurou uma história de salvação que eliminaria as lágrimas da humanidade. Nós, entretanto, chegamos à história — e à cruz — com o benefício de séculos de reflexão teológica. Para aqueles primeiros seguidores de Jesus, a saga do sacerdócio e da Paixão do Senhor era paradoxal e confusa. Ainda pode ser, pois o trabalho da cruz marca um afastamento radical da experiência humana comum.

A tarefa dos evangelistas — a tarefa de Lucas — era alcançar o maior número de almas, no momento em que o movimento cristão era tênue e frágil. Ao relatar que o próprio Jesus havia perdoado os responsáveis por sua morte, Lucas estava tornando a fé mais acessível e atraente. Haveria situações e tempo suficientes para falar de nuances como as que estamos debatendo agora. No tumulto dos primeiros séculos, uma época de conflitos políticos e convulsões sociais, era melhor lançar a rede o mais longe possível.

Lucas era realmente hábil nessa árdua tarefa: seu evangelho, assim como o seu volume sobre os Atos dos Apóstolos, é um épico literário. É Lucas que nos dá, por exemplo, o *Magnificat* (“Engrandece minha alma ao Senhor, e o meu espírito se regozija em Deus, meu Salvador”¹⁰) e o *Benedictus* (“Bendito seja o Senhor, Deus de

Israel, pois que visitou e redimiou o seu povo; Ele concedeu poderosa salvação na casa de Davi, seu servo; assim como prometera por meio dos seus santos profetas desde a antiguidade: salvando-nos dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam”¹¹). Ele escreve sobre epifanias, sobre a revelação de Jesus ao mundo. Nas mãos de Lucas, proclama-se o papel de Jesus como salvador:

Nas proximidades havia pastores que estavam nos campos e que durante a noite cuidavam dos seus rebanhos. E aconteceu que um anjo do Senhor apareceu a eles e a glória do Senhor reluzindo os envolveu; e todos ficaram apavorados. Todavia, o anjo lhes revelou: “Não temais; eis que vos trago boas notícias de grande alegria, e que são para todas as pessoas: hoje, na cidade de Davi, vos nasceu o Salvador, que é o Messias, o Senhor! Isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido envolto em panos e deitado sobre uma manjedoura.” E no mesmo instante, surgiu uma grande multidão do exército celestial que se juntou ao anjo e louvavam a Deus entoando: “Glória a Deus nos mais altos céus, e paz na terra às pessoas que recebem sua graça!”¹²

Meu bom amigo e ex-reitor Andrew Mead conta uma história sobre o grande erudito clássico Richmond Lattimore, um poeta e renomado tradutor do grego, inclusive do Novo Testamento. Professor do Bryn Mawr College,

próximo à Filadélfia, Lattimore frequentava regularmente a missa com sua esposa na Igreja Episcopal do Bom Pastor, em Rosemont. Entretanto, ele nunca ia ao altar comungar, e o Padre Mead pensava, com razão, que Lattimore era cético. No entanto, no final da vida, Lattimore concordou em ser batizado.

“Dr. Lattimore”, questionou Andrew, “pensei que você tivesse ressalvas sobre a fé cristã e a igreja”.

“Eu tinha”, respondeu Lattimore.

“Mas você não tem mais?”

“Não, não mais.”

“Se me permite perguntar, quando isso mudou?”

“Em algum momento em São Lucas.”

Em algum momento em São Lucas: o evangelho que se inicia com a concepção de uma criança e, em muitos aspectos, alcança o seu clímax no Calvário e no túmulo onde Jesus foi sepultado, mas ressuscitou, conta uma história tão poderosa que seu objetivo — a conversão de um mundo maior — ainda tem reflexos quase 2 mil anos depois. “O céu e a terra desaparecerão”, diz Jesus em Lucas, “contudo as minhas palavras de maneira nenhuma passarão”.¹³

Minha leitura da Primeira Frase é crítica, se “crítica” significar interpretativa, e não literal. Sigo uma antiga tradição exegética, que sustenta que as escrituras podem ser inspiradas, mas certamente são falíveis. Somos cha-

mados a usar a mente e o coração na leitura da Bíblia, decidindo, pelo uso da razão, se determinado trecho é um relato real ou um artifício teológico. A Bíblia não foi enviada pelo Sedex divino, nem o Senhor Deus dos Exércitos enviou um pdf ou um link para as escrituras. Escritos em grego e se baseando em uma tradução grega das escrituras originalmente hebraicas, os evangelhos contam histórias em um idioma estranho ao próprio Jesus. Devemos nos envolver com os textos da fé com razão, inteligência crítica e capacidade de distinguir história de lenda, narrativa de alegoria e fato de exaltação.

Não é uma visão muito popular, pois transforma o etos de “Jesus me ama / Sim, eu sei / porque está escrito na Bíblia” das escolas dominicais e dos acampamentos bíblicos em algo mais complexo. Alguns anos atrás, eu me reuni com alguns clérigos na Costa Leste. Acabamos conversando sobre interpretações críticas do Novo Testamento. Observei que não achava possível as pessoas entenderem a Bíblia se fossem ensinadas a pensar nela como uma coleção de notícias antigas do Jornal das 20h. (CANÁ, GALILEIA — *Ontem, de modo surpreendente, Jesus de Nazaré transformou água em vinho durante um casamento local.*) “Essa é a sua leitura crítica dos evangelhos”, rebateu um ministro, “mas no púlpito não é possível.” *Por quê?*, perguntei. “Porque”, disse ele, “você não pode mexer com Jesus.”

A observação do clérigo destacou um dos problemas enfrentados não apenas pelos cristãos, mas também pelo

mundo em geral: até que ponto os livros sagrados devem ser lidos e interpretados de maneira crítica, em vez de interpretados literalmente? Para as gerações posteriores de fiéis, o que foi escrito em circunstâncias adversas pode assumir o status de fato imutável.

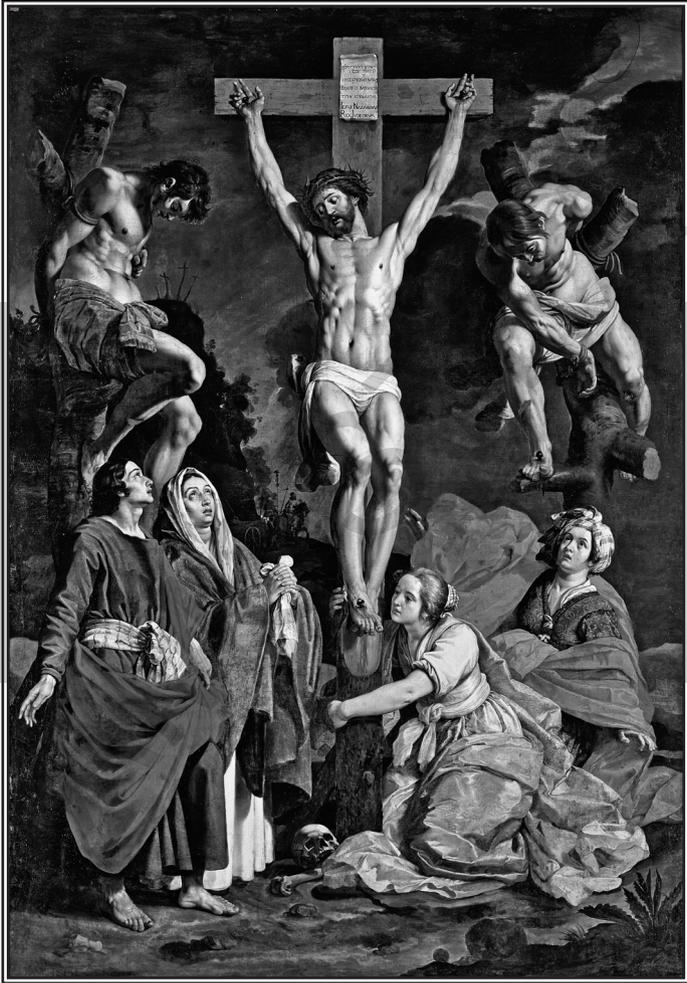
Certamente é verdade que, para aquele que crê e para o que busca entender, o objetivo de ler os escritos sagrados não é o mesmo que ler, digamos, a história das Guerras Púnicas ou da Segunda Guerra Mundial. Os textos são documentos diretivos. Como diz a Segunda Carta a Timóteo: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ministrar a verdade, para repreender o mal, para corrigir os erros e para ensinar a maneira certa de viver; a fim de que todo homem de Deus tenha capacidade e pleno preparo para realizar todas as boas ações.”¹⁴

É bastante justo, e Santo Agostinho reforçou a questão, escrevendo: “Se alguém julga ter entendido as Escrituras Divinas ou parte delas, mas se com esse entendimento não edifica a dupla caridade — a de Deus e a do próximo —, é preciso reconhecer que nada entendeu.”¹⁵

No entanto, o contexto e a crítica são importantes. “Para descobrir a intenção dos hagiógrafos, devem ser levados também em conta, entre outras coisas, os ‘gêneros literários’”, escreveu a Igreja Católica Romana em 1965 no documento *Dei Verbum*: “Com efeito, a verdade é proposta e expressa de modos diversos, segundo se trata de gêneros históricos, proféticos, poéticos ou outras formas de discurso [...] Para entender rectamente o que

o autor sagrado quis afirmar, deve atender-se convenientemente, quer aos modos nativos de sentir, dizer ou narrar em uso nos tempos do hagiógrafo, quer àqueles que costumavam empregar-se frequentemente nas relações entre os homens de então.”¹⁶

A primeira frase que ouvimos da cruz, então, é um lembrete de que tudo o que escutamos não deve ser tomado acriticamente. Em uma oração publicada em 1549 no *Livro de Oração Comum*, as escrituras devem ser ouvidas, lidas, marcadas, aprendidas e interiorizadas com cuidado e apreciação do contexto.¹⁷ Razão e fé são as asas com as quais podemos nos erguer das trevas da ignorância e do desespero, buscando perdão e nada menos que santidade em um mundo profano. E “em algum momento em São Lucas” não é tão ruim para se começar.



A SEGUNDA FRASE

Um dos criminosos que ali estavam crucificados esbravejava insultos contra Ele: “Não és tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também!” Mas o outro criminoso o repreendeu, afirmando: “Nem ao menos temes a Deus, estando sob a mesma sentença? Nós, na verdade, estamos sendo executados com justiça, pois que recebemos a pena que nossos atos merecem. Porém, este homem não cometeu mal algum!” Então, dirigindo-se a Jesus, rogou-lhe: “Jesus, lembra-Te de mim quando entrardes no teu Reino.” E Jesus lhe assegurou:

“Com toda a certeza te garanto: Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso!”